

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIACADEMIA
MARCELO REZENDE JÚNIOR**

A ALEGORIA DA CAVERNA: EDUCAÇÃO, APRENDIZADO E CIDADANIA

**Juiz de Fora – MG
2022**

MARCELO REZENDE JÚNIOR

A ALEGORIA DA CAVERNA: EDUCAÇÃO, APRENDIZADO E CIDADANIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof^a. Ms^a. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles

**Juiz de Fora - MG
2022**

JUNIOR, Marcelo Rezende. **A Alegoria da Caverna**: Educação, Aprendizado e Cidadania. Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de licenciatura em filosofia, do Centro Universitário Academia - UNIACADEMIA, realizado no 2º semestre de 2022.

**Profª. Msª. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles - UniAcademia
(Orientador)**

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira - UniAcademia

Prof. Ms. Emílio Cunha Amorim - UniAcademia

Examinada em: 01/12/2022

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele não teria forças para essa longa jornada e a Maria, Mãe e Mestre, que coloco aqui toda minha devoção, carinho e afeto.

AGRADECIMENTOS

Em especial agradeço a Deus Uno e Trino e sua Mãe Maria Santíssima e a São José, esposo de Maria.

A meu pai Marcelo Rezende, e a minha mãe, Isabel Cristina Pires Cordeiro, os quais, incansavelmente ensinaram com bons testemunhos e educaram de forma magistral, a minha pessoa.

Aos meus avós José Mauro Ribeiro de Rezende e Maria Aparecida Abetti Rezende meus maiores e melhores orientadores na vida.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, na arquidiocese de Juiz de Fora, o qual, obtive a oportunidade de ingressar, estudar e refletir sobre a vocação e vida.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

A faculdade UniAcademia, que contribuiu da forma que pode para o meu crescimento acadêmico.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

A minha orientadora de licenciatura Prof^a. Ms^a. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, que sempre se demonstrou solícita a orientar e corrigir em minhas necessidades acadêmicas.

“Ninguém é suficientemente perfeito, que não
possa aprender com o outro e, ninguém é
totalmente estruído de valores que não
possa ensinar algo ao seu irmão”
(São Francisco de Assis)

RESUMO

JUNIOR, Marcelo Rezende. A Alegoria da Caverna: Educação, Aprendizado e Cidadania. Monografia de Conclusão do Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2º semestre de 2022.

O presente trabalho tem por finalidade refletir a respeito de uma leitura pedagógica a partir do Mito da Caverna, uma alegoria retirada de **A República** (1993) de Platão, que fala sobre o conhecimento verdadeiro e o governo político, tecendo considerações acerca de sua interpretação para a educação e o aprendizado. O mito da caverna pode ser estudado para compreender aspectos do mundo contemporâneo, abordando a compreensão de que a aprendizagem pode e deve ser baseada também, em ideias clássicas que possam levar à reflexão, por parte de alunos professores, de melhores caminhos para educação pedagógica. A presente pesquisa teve como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada em vários autores de referência, tendo como material de apoio também, recursos de pesquisa em publicações, livros, artigos de revistas. Foi possível observar que concepções históricas, como as da mitologia grega do período antigo, podem ser utilizadas até os dias atuais, mesmo depois de vários séculos de criação, são mitos bem elaborados com um processo de adaptação muito grande a cada época ou período da história humana.

PALAVRAS-CHAVE: Platão. Mito da Caverna. Educação. Aprendizagem. Cidadania

ABSTRACT

JUNIOR, Marcelo Rezende. The Allegory of the Cave: Education, Learning and Citizenship.
Course Completion Monograph (Bachelor of Philosophy). Academy University Center.
Juiz de Fora, 2^o semestre de 2022.

The present work has a real purpose to reflect on a reading from the Myth of the Cave, an allegory taken from **The Republic** (1993) Plato, which talks about knowledge and government, weaving considerations of its interpretation for education and learning. The cave myth can be studied to understand aspects of the contemporary world, addressing the understanding that learning can and should also be based on classic ideas that can lead to reflection on the part of teachers. The present research had as methodology the research based on several authors of reference, having as support material also, research resources in publications, books, articles of magazines. It was elaborated to observe that historical conceptions, such as the Greek mythology of the ancient period, can be used until the present day, even after several centuries of creation, they are myths as well with a very large adaptation process to each epoch or period of human creation.

KEYWORDS: Plato. Cave myth. Education. Learning. Citizenship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	O MITO DA CAVERNA.....	11
2.1	INTERPRETAÇÕES DO MITO DA CAVERNA.....	13
3	O CONHECIMENTO E A EVOLUÇÃO DO AMBIENTE APRENDIZAGEM.....	17
3.1	DINÂMICA DA APRENDIZAGEM.....	20
4	A ALEGORIA DA CAVERNA COMO EXEMPLO DO ACESSO INTELIGÍVEL.....	24
4.1	DESENVOLVENDO PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem passado por transformações permitindo mudanças de ordem comportamental, cultural, profissional e didático pedagógica em toda sociedade. Essas alterações têm, em grande parte, a proposta de facilitar a promoção de conhecimento, independente da área disciplinar.

A sociedade, entretanto, não pode dispensar a educação formal que se sistematiza na instituição escola, ainda que homens e mulheres, crianças, adolescentes e jovens recebam informações advindas dos mais diversos meios de comunicação existentes e nas relações interpessoais. Porém, essas informações que se deslocam envelhecendo e morrendo com velocidade cada vez maior pelo avanço das novas tecnologias, precisam ser selecionadas, avaliadas, compiladas e processadas para que se transformem em conhecimento válido, relevante e necessário para o crescimento do homem como ser humano em um mundo sustentável.

O Mito da Caverna, também chamado Alegoria da Caverna, trata de um diálogo narrado por Platão em seu livro *A República* (428-347 a.C.). Considerado uma de suas mais importantes obras, a mesma discorre sobre suas ideias políticas e filosóficas, juntamente a propostas estéticas, éticas, pedagógicas e jurídicas. O autor procura elaborar um modelo de utopia social, aliado a uma teoria sobre a construção do conhecimento humano.

Neste contexto, com a alegoria da caverna Platão dispõe, hierarquicamente, os graus de conhecimento numa metáfora, na qual fala que existe um modo de conhecer, de saber, mais adequado de se pensar para um governante capaz de fazer política com sabedoria e justiça.

O presente trabalho tem por objetivo refletir a respeito de uma leitura pedagógica a partir do mito da caverna, tecendo considerações acerca de sua interpretação para a educação e o aprendizado.

A escolha do tema justifica-se pela importância da compreensão de que, concepções históricas, como as da mitologia grega do período antigo, podem ser utilizadas até os dias atuais, mesmo depois de vários séculos de criação, são mitos

bem elaborados com um processo de adaptação muito grande a cada época ou período da história humana.

Neste contexto, o mito da caverna pode ser estudado para compreender aspectos do mundo contemporâneo, abordando a compreensão de que a aprendizagem pode e deve ser baseada também, em ideias clássicas que possam levar à reflexão, por parte de alunos professores, de melhores caminhos para educação pedagógica.

A presente pesquisa teve como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada em vários autores de referência, tendo como material de apoio também, recursos de pesquisa em publicações, livros, artigos de revistas.

Buscou-se realizar uma busca nas bases de dados eletrônicas do Google Acadêmico, Library Online (SciELO), Bibliotecada USP, entre outros, utilizando-se como descritores: mito da caverna, Platão, aprendizagem, educação.

Buscando um melhor entendimento do tema em estudo, o trabalho foi dividido em três seções: a primeira abordando a Alegoria da Caverna, em suas origens e interpretações; a segunda procurou discutir o conhecimento e a evolução do ambiente de aprendizagem, num contexto social da inter-relação entre professor e aluno; na terceira foi abordada a Alegoria da Caverna e sua interpretação na busca de conhecimento, numa forma de o aprendizado mais voltado para a identidade do homem.

2 A ALEGORIA DA CAVERNA

Esta obra se resume a aprendizagem do homem, buscando as verdadeiras ideias no mundo maravilhoso do incognoscível. É nessa alegoria que Platão estabelece a comparação entre o mundo sensível e o mundo inteligível¹. Para tanto, lança mão de sombras que se projetam no fundo de uma caverna escura, quando pela sua entrada passam objetos iluminados pela luz do sol.

Assim relata o filósofo:

[...] alguns homens vivendo em uma moradia em forma de caverna, com uma grande abertura do lado da luz. Encontram-se ali desde a sua meninice, presos por cadeias que os imobilizam totalmente e de tal modo que não podem nem mudar de lugar, nem volver a cabeça e não veem mais que aquilo que lhes está na frente. A luz lhes vem de um fogo aceso a uma certa distância, por trás deles, em uma eminência do terreno. Entre esse fogo e os prisioneiros há uma passagem elevada, ao longo da qual imagine-se um pequeno muro, semelhante aos balcões que os ilusionistas levantam entre si e os assistentes e por cima dos quais mostram seus prodígios. Pensa agora que ao lado desse muro alguns homens levam objetos de todos os tipos. Tais objetos são levados acima da altura do muro e os homens que os transportam alguns falam, outros seguem calados (PLATÃO, 1993, p. 319-322).

Os prisioneiros, nessa situação, jamais viram outra coisa senão as sombras, jamais ouviram outra voz senão os ecos que reboam no fundo da caverna. Falarão das sombras como se fossem objetos reais, terão os ecos como vozes verdadeiras. Esses estranhos prisioneiros são semelhantes a nós, homens. Pensam no que lhes acontecerá se forem libertados das cadeias que os prendem e curados da ignorância em que jazem. Se um dentre eles se levantar e volver o pescoço, e caminhar, e erguer os olhos para o lado da luz, certamente tais movimentos o farão sofrer, e a luz lhe ofuscará a visão e impedirá que ele veja os objetos cuja sombra enxergava há pouco. Ficará deveras embaraçado e dirá que as sombras que via antes são mais verdadeiras que os objetos que são agora mostrados (OLIVEIRA, 2015).

¹ O chamado “**Mundo Inteligível**” é baseado no ideal que o indivíduo consegue fazer de algo, ou seja, a ideia que as pessoas possuem das coisas na realidade. Este ideal é o oposto do chamado “**Mundo Sensível**”, que consiste no que é material, ou seja, a imagem das ideias.

E se tal prisioneiro, arrancado à força do lugar onde se encontra, for conduzido para fora, para plena luz do sol, por acaso não ficaria ele irritado e os seus olhos feridos? Deslumbrado pela luz, porventura não precisaria acostumar-se para ver o espetáculo da região superior? O que a princípio mais facilmente verá serão as sombras, depois as imagens dos homens e dos demais objetos refletidos nas águas, e finalmente será capaz de ver os próprios objetos. Então olhará para o céu. Suportará mais facilmente, à noite, a visão da lua e das estrelas. Só mais tarde será capaz de contemplar a luz do sol. Quando isso acontecer reconhecerá que o sol governa todas as coisas visíveis e também aquelas sombras no fundo da caverna (OLIVEIRA, 2015).

Lembrando-se então da sua primeira morada, da sabedoria que nela se processa, de seus companheiros de cativeiro, alegrar-se-á com a sua mudança e lastimará a sorte deles. Não sentirá ciúmes das honras, louvores e distinções que lá se distribuem. Preferirá, como o herói de Homero², ser apenas um trabalhador da roça, a serviço de um pequeno lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às suas antigas ilusões e viver como vivia.

Supõe que o homem volte à caverna e vá sentar-se em seu antigo lugar. Nessa passagem da luz clara para a obscuridade não lhe ficariam os olhos como que submersos em trevas? E se, enquanto tivesse a vista confusa, pois bastante tempo se passaria até que os olhos se acostumassem novamente à obscuridade, tivesse que dar opinião sobre as sombras, numa conversa com seus companheiros, não lhes provocará risos de mofa e não dirão eles que, tendo ido para a região superior, voltou com a vista defeituosa de sorte que não vale a pena subir até lá? E se insistisse e tentasse soltá-los e levá-los para o alto, não haveriam eles de pegá-lo e matá-lo?! (MENESCAL, 2009, p. 77).

O que são as sombras projetadas no fundo da caverna senão esse mundo natural, na maioria das vezes, o único percebido pelos indivíduos. Os prisioneiros somos nós mesmos, agrilhoados ao erro e à ignorância. Aquele prisioneiro que se liberta, que sai do fundo da caverna e atinge o espaço superior, é o homem que procura livrar-se da sua ignorância. É o homem que busca o aperfeiçoamento moral e

² Homero foi um poeta da Grécia Antiga que nasceu e viveu no século VIII a.C. É autor de duas das principais obras da antiguidade: os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. Muitos historiadores e pesquisadores da antiguidade não chegaram a uma conclusão sobre se Homero existiu de verdade ou se é um personagem lendário, pois não há provas concretas de sua existência. Suas obras podem ter sido escritas por outros escritores antigos ou são apenas compilações de tradições orais do período.

intelectual, através do estudo, da pesquisa. Se persistir na busca do saber, se lutar incessantemente contra a própria ignorância alcançará, sem dúvida alguma, aquele mundo onde brilha o sol da sabedoria. Os que não quiserem acompanhá-lo, continuarão imersos nas trevas, enxergando apenas as sombras enganosas e fugidias da ignorância e do erro (RODRIGUES, 2018).

Existe, entre as sombras projetadas pelos objetos e entre esses mesmos objetos, uma diferença abismal. No entanto, as sombras são, indiscutivelmente, partícipes da realidade dos objetos que passam.

Assim, os indivíduos são levados a concluir que os seres, todos os seres que contemplamos no mundo sensível, em nossa existência sensível, nada mais são que sombras que passam, sombras efêmeras, transitórias, ínfimas reproduções das ideias puras, eternas, perfeitas, imutáveis, sempre iguais, totalmente iguais, formando o conjunto que se consubstancia no mundo das ideias (SOARES, 2012).

2.1 INTERPRETAÇÕES DO MITO DA CAVERNA

Nesta alegoria, percebe-se a relação existente entre o interior da caverna e o mundo sensível, sendo que o exterior dela seria o mundo inteligível, sede das ideias eternas, essências da matéria sensível que compõe este mundo refletido de sombras e aparências. Seguro de que a Verdade se resume às ideias situadas no mundo inteligível, Platão menospreza o mundo sensível e suas representações que, para ele, não passam de meras cópias da verdadeira realidade. Esta alegoria traduz a ontologia que norteará as reflexões platônicas. Sob as luzes desta "verdade", avaliará o processo artístico onde se insere, entre outros, o discurso poético (OLIVEIRA, 2015).

No mundo sensível os homens são como os escravos presos e agrilhoados numa caverna, obrigados a ver no fundo dela as sombras dos seres e dos objetos projetados na parede, por um fogo que arde fora. Tomam estas sombras por realidade porque não conhecem a Verdade, ou seja, a verdadeira realidade (MADRID, 2017).

Se um dos escravos se conseguisse libertar e saísse da caverna não seria capaz de suportar logo a luz do sol, teria de se habituar a olhar as sombras, só depois as imagens dos homens e das coisas refletidas na água, depois as próprias coisas e só no

fim conseguiria contemplar os astros e o sol. Só depois de tudo isto se aperceberia que é o sol que nos dá as estações e os anos e governa tudo o que há no mundo sensível ou visível e que do sol dependem ainda as coisas que ele e os seus companheiros viam na caverna. A caverna corresponde ao mundo sensível. As sombras projetadas no fundo, são os seres naturais, o fogo é o sol (RODRIGUES, 2018).

O conhecimento das coisas naturais corresponde ao dos homens que estão na caverna. Depois da descrição da alegoria da caverna vamos tentar aplicá-la a todo este problema do conhecimento. Quando os prisioneiros estão na caverna e vêem as sombras, pensando que realmente estas são os objetos, isto, na teoria de Platão, corresponde à completa ignorância da multidão, quando esta contempla as imagens da realidade e pensa que estas imagens são a própria realidade (RODRIGUES, 2018).

A imagem que Platão apresenta no livro sétimo da República (515, c) quando diz que: "logo que alguém soltasse um deles e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso sentiria dor e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora" (RIBEIRO, 2015).

Isto corresponde ao esforço do homem quando este tenta libertar-se da ignorância e ascender ao saber; como o homem da caverna, ele também não está habituado e o esforço feito causa-lhe dificuldades não o deixando contemplar imediatamente a sabedoria, pois para isso é necessário muito exercício e coragem. Como o homem da caverna também este não estava preparado para atingir a verdade, por isso ao contemplá-la, esta parecer-lhe-ia muito estranha. Julgaria então que o conhecimento que ele tinha anteriormente, ou seja no mundo sensível é que era o verdadeiro (SOARES, 2012).

Depois de um grande esforço o homem conseguiria atingir o mundo inteligível. Desta forma, conforme Platão:

- O homem da caverna corresponde à multidão na completa ignorância.
- A ascensão do homem da caverna ao mundo superior corresponde à tentativa do homem de ascender à Verdade, à contemplação do Ser.
- A contemplação do homem da caverna dos objetos corresponde a uma opinião do homem acreditada, mas ainda não fundamentada.

- A contemplação do homem da caverna do céu, da luz, da lua, do sol, corresponde a uma tentativa quase conseguida do homem da contemplação do Ser.
- A compreensão de que o sol é a causa das estações do ano, corresponde à contemplação dos homens do próprio Ser, da Essência, da ideia do Bem; portanto daquilo que permanece e é imortal, ou seja, da Sabedoria. Como o homem da caverna conseguiu, através dum esforço muito grande contemplar o sol, também o homem consegue atingir a verdade; obter o Saber.

Como se pode ver caminha-se do que é sensível e visível para o que é inteligível e invisível. E apesar do mundo inteligível ser verdadeiro nós não podemos dispensar o mundo visível, pois é este que nos proporciona a ascensão ao inteligível.

Pois se conhecer é recordar o que está esquecido, como veremos adiante quando se trata a teoria da reminiscência, esse recordar permitir ver os objetos, recordá-los. E como para Platão o verdadeiro conhecimento está na Essência das coisas, portanto naquilo que permanece e não muda, como ao mundo sensível está inerente a mudança, este permite-nos a busca da Unidade, da Universalidade, da permanência do Ser, pois aquilo que vamos vendo e que vai acontecendo não satisfaz porque é inconstante e está sempre em mudança, então o homem, no seu afã de conhecer sempre mais e mais, não se satisfaz e procura atingir a Essência; a verdade das coisas, deste modo a Essência converte-se numa potencialidade, ou seja numa força dentro da existência, susceptível de levar o homem a realizar-se; pois como já foi dito na medida em que se conhece mais procura-se mais (SOARES, 2012).

O mundo sensível permite ascender ao mundo inteligível, onde num terceiro grau do conhecimento (ou seja num primeiro grau de conhecimento no mundo inteligível e terceiro no mundo visível) temos as ciências (o que nos levou a atingir este terceiro grau do conhecimento foi o mundo sensível), que são apenas um exercício à dialética, porque esta pela discussão fundada sobre a razão sem recorrer aos sentidos, procura atingir a essência de cada coisa até que atinge o termo do inteligível. Como a elevação do homem da caverna, também a prática das ciências produz efeitos idênticos com a elevação da alma para atingir o que há de mais perfeito nos seres: a Essência, o Ser-em-Si, como os órgãos dos sentidos conseguem contemplar o objeto mais luminoso no mundo visível, também ao homem é permitido, através da dialética, atingir as Coisa-em-Si, a Essência, a Ideia do Bem (MENESCAL, 2009, p. 77).

Segundo Lazarini (2017), o mundo sensível tem bastante importância não só, como já foi dito, por permitir a ascensão ao mundo inteligível, mas também porque os homens, tendo contemplado a Essência, a Ideia do Bem tornam-se mais justos, E como ascenderam e viram tudo isso descem ao mundo visível para porem esses modelos em prática, para tornarem a cidade mais justa ensinando, ou seja, educando os outros e governando. Pois segundo ele o governo da cidade deve fundar-se sobre o conhecimento da Existência verdadeira³.

A problemática platônica é ação no real, no concreto. É, portanto dinâmica, pois toda a mudança implica a possibilidade de atingir o Ser. E na medida em que conhecemos o Ser podemos ver, no mundo sensível, melhor que os outros, podemos criticar e agir, transformar o que é injusto no que é justo e assim sucessivamente (RODRIGUES, 2018).

O que Platão procura mostrar com esta alegoria da caverna é o caminho que o filósofo percorre das noções imprecisas para as ideias reais que estão por trás dos seus ensinamentos.

³ A teoria do conhecimento é a área da filosofia que tem como objetivo investigar o que é o conhecimento, a possibilidade (se é possível conhecer), qual o fundamento do conhecimento, suas origens e seu valor. Qualquer pessoa, apoiando-se na própria experiência, poderá dizer até mesmo irrefletidamente que não há motivos para duvidar da ideia de que podemos ter um conhecimento exato do mundo que nos cerca. Mas os filósofos não são desta opinião e sempre advertiram que nem sempre o conhecimento comum representa verdadeiramente as coisas como são

3 O CONHECIMENTO E A EVOLUÇÃO DO AMBIENTE DA APRENDIZAGEM

O ambiente da aprendizagem, na relação professor-aluno, é o contexto social que influencia o desenvolvimento do pensar. Um ambiente aberto ao questionamento, ao diálogo, encoraja os alunos a discussão e ao debate, ao contrário do ambiente autoritário cuja ênfase recai sobre a memorização. A atitude do aprender deixa de ser uma mera atividade porque recebe a influência do ambiente.

Até século XV, não existia para o estudante um ambiente escolar formal, como nos dias de hoje. Mas ele também não vivia na ociosidade. Ele podia morar próximo de uma escola com sua família, ou, como era mais comum, residia com outra família, tendo um contrato de aprendizagem, o qual determinava que frequentasse uma escola, sempre latina.

O menino entrava então para uma dessas associações, corporações ou confrarias que, através de exercícios devotos ou festivos, do culto religioso, de bebedeiras ou banquetes, mantinham vivo o sentimento de sua comunidade de vida. Outra possibilidade era o pequeno estudante seguir um menino mais velho, compartilhando sua vida na alegria ou na desgraça, e, muitas vezes, em troca, sendo surrado e explorado (ARIÈS, 1991, p. 66).

Em todos esses casos, o estudante pertencia a uma sociedade ou a um grupo de companheiros, dependente de regras que regulavam sua vida diária, muito mais do que a escola e seu mestre (ARIÈS, 1991).

Conforme Ariès (1991) ao final da Idade Média⁴, esse tipo de camaradagem por meio de forte oposição iria se deteriorar, chegando a constituir uma de desordem e de anarquia. Com seu término os estudantes puderam ser organizados, com novos princípios de comando e de hierarquia autoritária, tal ato atingiu não somente a criança, mas toda a sociedade.

Essa forma de hierarquia autoritária se introduziria através da organização já moderna dos colégios e pedagogias com a série completa de classes em que o diretor

⁴ A Idade Média foi um longo período da história que se estendeu do século V ao século XV. Seu início foi marcado pela Queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., e o fim, pela Tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos, em 1453. Foi também nesse período que surgiu e se consolidou o feudalismo, organização política, econômica e social baseada na posse da terra. Os humanistas do século XV e XVI chamavam a Idade Média de Idade das Trevas. Eles afirmavam haver ocorrido na Europa, um retrocesso artístico, intelectual, filosófico e institucional, em relação à produção da Antiguidade Clássica.

e os mestres deixavam de ser *primus inter pares*, para se tornarem depositários de uma autoridade superior. Seria o governo autoritário e hierarquizado dos colégios que permitiria, a partir do século XV, o estabelecimento e o desenvolvimento de um sistema disciplinar cada vez mais rigoroso.

Para definir esse sistema, Ariès (1991) distinguiu três características principais, do século XIV ao XVII: a vigilância constante, a delação erigida em princípio de governo e em instituição, e a aplicação ampla de castigos corporais.

Em primeiro lugar, uma disciplina humilhante — o chicote ao critério do mestre e a espionagem mútua em benefício do mestre. Essa evolução sem dúvida não foi particular à infância: nos séculos XV-XVI, o castigo corporal se generalizou, ao mesmo tempo em que uma concepção autoritária, hierarquizada — em suma, absolutista — da sociedade. Contudo, mesmo assim, restou uma diferença essencial entre a disciplina das crianças e a dos adultos — diferença que não existia nesse grau durante a Idade Média. Entre os adultos, nem todos eram submetidos ao castigo corporal: os fidalgos lhe escapavam, e o modo de aplicação da disciplina contribuía para distinguir as condições sociais. Ao contrário, todas as crianças e todos os jovens, qualquer que fosse sua condição, eram submetidos a um regime comum e eram igualmente surrados. Isso não quer dizer que a separação das condições sociais não existisse no mundo escolástico. Ela existia aí como nos outros lugares e era igualmente marcada (ARIÈS, 1991, p. 67).

Entretanto, o caráter degradante do castigo corporal para os adultos nobres não impedia sua aplicação às crianças. Ele se tornou até mesmo uma característica da nova atitude diante da infância (ARIÈS, 1991).

O segundo fenômeno que nossa análise revela é a dilatação da idade escolar submetida ao chicote: inicialmente destinado aos pequenos, a partir do século XVI, ele seria aplicado a todo estudante, mesmo os mais velhos, por volta dos 20 anos. Assim, no mundo escolar, minimizava-se as diferenças entre a infância e a adolescência, submetendo-as a uma mesma forma de disciplina (ARIÈS, 1991).

Portanto, a infância prolongada até dentro já da adolescência, da qual se distinguia mal, caracterizava-se por uma humilhação deliberada. Toda a infância, a infância de todas as condições sociais, era submetida ao regime degradante dos plebeus. “O sentimento da particularidade da infância, de sua diferença com relação ao mundo dos adultos, começou pelo sentimento mais elementar de sua fraqueza, que a rebaixava ao nível das camadas sociais mais inferiores” (ARIÈS, 1991, p. 68).

Nessa época, os educadores eram responsáveis pela alma dos alunos.

Para eles, era um dever de consciência escolher judiciosamente seus colaboradores, os outros mestres e submonitores. Era um dever também usar sem indulgência culpada de seus poderes de correção e punição, pois isso envolvia a salvação da alma das crianças, pelas quais eles eram responsáveis perante Deus (ARIÈS, 1991, p. 68).

Ao observar pinturas antigas representando famílias, vemos as proporções entre as várias partes do corpo das crianças representadas do mesmo modo que nos adultos. A criança era considerada, também pelos pintores, como um adulto em miniatura.

O sistema educacional antigo também refletia esse modo de considerar o educando. Os currículos das escolas, os programas das diferentes disciplinas, os horários das aulas, os métodos de ensino, as formas de avaliação da aprendizagem, os métodos de manter a disciplina, os livros usados em classe, a formação dos mestres, todos esses aspectos do sistema escolar resultavam do conceito do educando como sendo um adulto em miniatura. O sistema escolar tradicional não atendia às características da criança. Era organizado levando em conta apenas o adulto (HORTON E HUNT, 2012).

Neste cenário, surgem duas ideias novas: a noção da fraqueza da infância e o sentimento da responsabilidade moral dos mestres. A disciplina imposta por eles não se originava na antiga escola medieval, na qual o mestre era totalmente desinteressado pelo comportamento dos alunos além de seus domínios da sala de aula (ARIÈS, 1991).

A organização surgida no século XIX funcionava a partir de relações comunitárias de apoio e dependência. Não havia atenção primordial às crianças, pois os pais dedicavam a maior parte do tempo ao trabalho. Dessa forma, a educação dos pequenos acontecia de maneira informal; através de um amplo convívio com os adultos que, na maioria das vezes, eram parentes ou vizinhos (ARIÈS, 1991).

É possível notar que, desde que nascemos estamos imersos em diferentes grupos, numa constante dinâmica entre a busca de uma identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Cada pessoa constrói sua identidade a partir das relações sociais, assim, desde que nascemos estamos vivendo em grupo,

estamos rodeados de pessoas que nos influenciam. Refletimos ações e aprendizados de muitas pessoas, até formarmos o nosso eu (MARROU, 2013).

No mesmo sentido, “O campo grupal se constitui como uma galeria de espelhos, onde cada um pode refletir e ser refletido nos e pelos outros” (CORDIOLLI, 1998, p. 230). Os indivíduos parecem lembrar em alguns aspectos uns aos outros. Isto constitui uma unidade no grupo, que, no entanto não pode gerar exclusão de opostos, pelo contrário, o conceito atual de unidade é de inclusão dos opostos.

Portanto, dentro de um grupo e em busca de alcançar os objetivos traçados, cada componente assume uma posição. Por mais que o resultado esperado seja o mesmo, cada indivíduo exerce sua fala, dá sua opinião, se cala, ou seja, cada um mantém sua individualidade, sua identidade.

3.1 DINÂMICA DA APRENDIZAGEM

A prática educativa engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem e que podem defini-la ou configurá-la. Podemos considerar a escola, a família, a sociedade, todo o ambiente sócio-cultural no qual estamos imersos, como parte deste conjunto de variáveis que se refletem diretamente no ambiente escolar. É também neste ambiente que as crianças intensificam sua socialização e estabelecem vínculos diversificados. Coll (1994) destaca que:

Vygotsky propôs o conceito de Zona de desenvolvimento proximal para explicar a defasagem existente entre a resolução individual e social de problemas e tarefas cognitivas: geralmente, nós, pessoas, somos capazes de resolver problemas ou de efetuar aprendizagens novas quando contamos com a ajuda de nossos semelhantes, mas, em troca, não conseguimos abordar com êxito estas mesmas tarefas quando dispomos unicamente de nossos próprios meios (COOL, 1994, p. 92).

Assim, a dinâmica da aprendizagem se dá através de interações mútuas, nas quais educandos e professores estabelecem relações sociais e afetivas, sendo a sala de aula o ambiente em que estas relações se solidificam e caminham em direção ao desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

Sob o enfoque da concepção construtivista⁵ cuja ênfase consiste na inter-relação entre os pares para consolidar-se a aprendizagem, estudos a partir desta perspectiva irão permear o presente artigo, assim como algumas considerações relevantes à cerca do processo de interação e a função dos grupos que são estabelecidos em sala de aula.

Outro aspecto a considerar é a relevância do conhecimento, por parte do educador, da estrutura e dinâmica da sala de aula na qual atua, afim de que considere fundamental propor ações pedagógicas que venham proporcionar trocas mútuas entre seus educandos no ambiente escolar e, em consequência, a aquisição de uma aprendizagem significativa a todos eles.

Desenvolver uma prática educativa voltada às necessidades dos educandos e propício a trocas sócio afetivas requer, do educador conhecimento e reflexão. Este conhecimento acerca da estrutura do grupo de sala de aula é o primeiro passo na busca por uma verdadeira aprendizagem.

Definida como um espaço social, a sala de aula deve constituir-se de situações nas quais alunos e professor estabelecem interações essenciais ao desenvolvimento sócio cognitivo. Nessa perspectiva Garnier, Bernarz e Ulanovskaya (2016) afirmam que:

A construção de conhecimentos pelos alunos resulta da interação de processos interindividuais e intraindividuais, que se desenvolvem dentro de um contexto no qual o professor concebe situações que otimizam essas interações, dando-lhes a oportunidade de desenvolver-se para atingir o objetivo visado (GARNIER; BERNARZ; ULANOVSKAYA, 2016, p. 215).

A partir destas premissas o ambiente pode ser considerado como um potencializador de relacionamentos interpessoais e ao mesmo tempo um mediador no

⁵ A concepção construtivista, uma das principais nesse sentido, diz respeito à forma de ensino baseada na obra do psicólogo suíço Jean Piaget, que afirma que o conhecimento é adquirido por meio da interação do indivíduo com o ambiente em que vive. A concepção construtivista entende o aprendiz como um ser que age continuamente sobre o processo ensino-aprendizagem, ou seja, ele não recebe o conhecimento passivamente, mas também age sobre ele, utiliza seus conhecimentos prévios como forma de entender melhor o saber que está em construção naquele momento e é crítico também. Construtivismo se deriva de construir, em alusão ao ato e as etapas necessárias para que o conhecimento se solidifique na mentalidade do estudante, pois entende-se que não é necessário simplesmente entregar o que é proposto, mas torná-lo um ser reflexivo acerca de todo o processo.

processo de construção do conhecimento. O meio, representado diretamente pela escola assume o papel de estimular, respeitando as estruturas do indivíduo. Estruturas estas inacabadas, pois o homem obriga-se a fazer-se, a concluir-se de forma que sua própria atividade o faça.

Sabe-se que é através da interação com o meio (constituído de pessoas e objetos) que a humanidade evolui. Essa interação possibilita que se faça as intervenções necessárias para atingir a qualidade de vida que se deseja. Da mesma forma, a capacidade de intervenção dos professores no ambiente educacional que utiliza a informática com fins de aprendizagem é indispensável. No entanto, para que essa intervenção seja possível, é necessário que o professor tenha, além de domínio em sua área de atuação, conhecimentos técnicos e habilidades específicas sobre informática. Precisa conhecer quais ferramentas computacionais podem auxiliar sua prática e compreender como explorá-las para atender aos seus objetivos (GARNIER; BERNARZ; ULANOVSKAYA, 2016).

A educação terá que propiciar as condições ambientais favoráveis ao aluno para que ele possa realizar, através de mediações ou interações, suas expectativas.

O ambiente escolar apresenta-se como um espaço multicultural e de múltiplos saberes, contendo como finalidade favorecer a socialização entre educandos e proporcionar uma aprendizagem significativa. É preciso salientar que até pouco tempo a socialização não era levada em conta na sala de aula, o mais importante era a memorização e a aprendizagem mecânica dos conteúdos escolares. Freire (2018), enfatiza essa questão quando cita que:

Ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor, a aprendizagem não se dá por transferência de conteúdo, mas por interação, que é o caminho da construção (FREIRE, 2018, p. 134).

Diante do que foi exposto, foi possível observar, com base nos primórdios da organização do ambiente escolar, como ao longo do tempo, desenvolveram-se as questões da aprendizagem humana, procurando enfatizar a importância de se elaborar uma metodologia para cuidar e formar a geração mais jovem. Desde então, muitos

métodos têm sido estudados e analisados, dentre os quais é possível citar o aprendizado por meio das lições dos grandes filósofos como Platão, destacando-se sua alegoria da Caverna.

4 A ALEGORIA DA CAVERNA COMO EXEMPLO DO ACESSO AO INTELIGÍVEL

A complexidade do ato de aprender, que une dimensões tão distintas (orgânicas, cognitivas, afetivas e inconscientes, socioculturais) precisa ser reconhecida e mobilizada como facilitadora de um aprendizado mais comprometido com a identidade do homem.

Segundo Santos e Nogueira (2020), o mito, por ser narração simbólica, é rico de elementos cujo significado é coletivo, de onde segue que ele só tem sentido dentro de determinada coletividade. Ele fala a um público determinado que compartilha significados comuns e atribui sentido a determinados elementos. Dessa forma, o pensador utiliza propositalmente os mitos para atingir determinado público.

Lá, na alegoria da caverna, Platão fala de alguns prisioneiros “que são como nós”, que vivem acorrentados (ou para os tempos atuais, conectados) e que só observam as sombras lançadas na parede pela passagem de diferentes objetos e estátuas transportadas por outros humanos que se movem na parte superior da caverna. Eles passam a vida assistindo a uma espécie de show de marionetes. “Homens como esses diriam que a verdade nada mais é do que a sombra das coisas artificiais”, diz o filósofo (HARA, 2018, p. 03).

A interpretação do mito da caverna pode ser inserida na sala de aula para que os alunos possam usá-la como caminho para conhecer, para verificar o que chega a eles, além de ajuda-los na formação de sua criticidade. Dessa forma, a dúvida, a incerteza ultrapassam as paredes da sala de aula, podendo ser usada em diversas situações.

Conforme Muller (2017), mediante estudo e análise da mitologia grega⁶, percebe-se uma intrínseca relação entre o mundo mitológico e toda nossa realidade material, humana e abstrata, por isso, podemos valorizar e utilizar toda essa riqueza histórica para compreendermos melhor a vida do ser humano cada vez mais dependente da máquina e do mundo virtual. É preciso manter essa relação filosófica com a mitologia para promover a leitura, a escrita e criar uma fundamentação teórica que propicie uma

⁶ A **Mitologia Grega** reúne um conjunto de lendas e mitos que foram criados pelos gregos na antiguidade. O objetivo principal era de explicar alguns fatos, como a origem da vida, a vida após a morte, ou até mesmo os fenômenos da natureza. Assim, a criação das narrativas fantásticas que englobam a mitologia grega foi a maneira encontrada pelos gregos para preservarem sua história. É importante ressaltar que a civilização grega estava baseada numa religião politeísta, ou seja, eles cultuavam diversos deuses.

compreensão maior de toda a realidade humana com o propósito de ajudar as pessoas a viver melhor.

A formação docente está nas mesas de conferências, simpósios e congressos com o objetivo de mostrar ao professor o que ele deve fazer para trabalhar com o cidadão que a nova sociedade está exigindo. Uma pessoa capaz de pensar sua tarefa e não simplesmente executá-la.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2018, p. 73).

As leis operacionadas nos estatutos e regimentos das escolas, atribuem aos professores do ensino fundamental verdadeiras listas de competências a serem cumpridas. Simples pensar que, saber listas de competências, faz deste profissional um bom professor. Papéis e funções sociais não mudam a cada nova abordagem do ensino, mesmo que venham acompanhadas de resoluções e/ou determinações de ordens superiores do ensino.

Para Santos (2018), é preciso discutir os papéis de alunos e professores destacados, como aprendiz e mestre, segundo o qual os exercidos por cada um precisam ser sempre colocadas em dúvida, nunca sendo aceitos de forma tácita.

O senso comum, que se aceita sem alguma fundamentação, juntamente com a falta de investigação pode gerar um grande obstáculo para o conhecimento. Aceitar tudo de bom grado pode ser um grande problema para quem está aprendendo, pois acostuma-se a facilidade e passividade perante os assuntos vistos. É por esse motivo que deve-se pôr a dúvida à frente de qualquer conhecimento, a fim de filtrar o que se recebe, poupando o trabalho de firmar como verdade algo que é errôneo, e ter que refazer o caminho duas vezes. É importante para o aluno criticar o que lhe é apresentado, não estar completamente satisfeito com algo recebido pelos professores, de “algo que acredita que está errado ou faltando algo, instigar, perguntar para as pessoas que lhe rodeiam, perguntar aos professores, ler sobre o assunto que lhe fez duvidar, analisar a fundo para enfim chegar a uma resposta que lhe mostre clareza” (SANTOS, 2018, p. 15).

No cenário traçado pelas políticas públicas, para a formação docente, no caos instalado após cada projeto, cada programa, nas brechas das mudanças, encontra-se o professor. Os indícios de sua presença escapam aos olhos acostumados a obedecer às leis e às regras impostas. A forma como eles se veem no processo de reflexão do seu saber, por meio de suas práticas pedagógicas, continua oculta. As propostas de mudanças continuam distanciadas do sujeito real, ainda são frutos de determinações legais, automatizadas pela força inquestionável de decretos e resoluções. A gênese e o desenvolvimento desses sujeitos e o perceber-se professor ficam nas margens dos grandes projetos governamentais (PILETTI, 2016).

É preciso levar em conta, conforme o trabalho de Damasceno (2015), a emergência de se trabalhar a identidade do professor, em qualquer curso de formação docente. A sua construção subjetiva como pessoa/profissional bem como todas as metodologias, didáticas, estruturas de ensino, passam a ser fundamentais para sua profissão. No cenário educacional as propostas para a formação docente proliferam. No entanto, subjaz a esta formação aspectos curriculares e disciplinares que fazem dos professores meros aplicadores de técnicas, normas, diretrizes e decisões político-curriculares.

Vejo o caminho por outro ângulo. Não acredito no processo de desarticular a formação docente da perspectiva de formação da identidade do professor, pois isto é distanciar-lo de situações problemáticas que requerem decisões emergentes num campo singular, complexo e cheio de conflitos e de valores que é a sala de aula, espaço de interação com os alunos. E são os alunos que nos contam que professoras temos sido, ou que professoras somos. É através deles que me vejo, os alunos são o meu espelho. Essa reflexão é importante porque, muitas de nós, professoras, encontramos nesse ofício de ensinar, uma forma de autor realização, de sentido para própria existência e até mesmo uma ressignificação de nossa condição de mulher. É isto que tenho visto com as histórias de vida profissional de minhas alunas. É tarefa nossa subverter a ordem do funcionalismo dos cursos de formação docente para o cultivo de uma formação que se preocupa também com a construção pessoal, com a ética solidária para que nossa representação social seja mais significativa e valorizada (DAMASCENO, 2015, p. 59).

No entanto, o professor é um dos sujeitos do processo ensino-aprendizagem e, nesta relação, discute seu saber.

4.1 DESENVOLVENDO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Neste contexto do aprender é preciso ver a contribuição do desenvolvimento de práticas de ensinando e aprendendo com os alunos. As práticas pedagógicas⁷, os valores, os saberes, os rituais que constituem o contexto escolar vão sendo elaborados num lento aprendizado que se confunde com a construção profissional/pessoal de cada professor também. Deve-se, sobretudo, levar-se em conta os desafios e a situação de mudança às quais se vinculam os estudos da prática escolar, visando o estabelecimento de um certo consenso entre aqueles que a utilizam para evitar enganos ou ações realizadas sem orientação (PILETTI, 2016).

Neste panorama, Santos (2018) busca indicar a dúvida como uma metodologia capaz de adentrar a sala de aula e ser mais uma ferramenta na busca por um ensino significativo, em que o aluno possa participar de forma ativa do seu próprio aprendizado.

Implementar situações de aprendizagem, estabelecendo uma postura pedagógica reflexiva e adequada às características dos educandos significa ir além de desenvolver conteúdos curriculares, torna-se um desafio aos educadores, e somente aqueles comprometidos com a educação é que farão a diferença.

A prática educativa engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem e que podem defini-la ou configurá-la. Podemos considerar a escola, a família, a sociedade, todo o ambiente sociocultural no qual estamos imersos, como parte deste conjunto de variáveis que se refletem diretamente no ambiente escolar.

A escola, inserida num contexto social que tem uma dinâmica de mudanças mais veloz, continua com práticas pedagógicas que resistem às exigências de um novo cenário que surge, o qual estabelece relacionamentos entre atividades que antes não

⁷ A prática pedagógica, nessa perspectiva, é o resultado da aplicação de conhecimentos teóricos extraídos de diferentes disciplinas científicas na resolução de problemas, percorrendo um caminho no sentido da ideia à ação, dos princípios teóricos à prática. Numa perspectiva interpretativa, a realidade é construída socialmente pelo homem, ao dar significado aos objetos, situações e experiências vividas. É o homem o verdadeiro criador do conhecimento e da realidade e, nesse processo de construção, dá-se ênfase ao caráter intencional da atividade humana. Nessa visão, a prática se modifica mudando a maneira de compreendê-la. Essa nova compreensão da prática possibilita que o indivíduo reconsidere crenças e atitudes inerentes à sua maneira de pensar atual, sendo capaz de exercer uma influência prática.

se comunicavam. Na verdade, as realidades são outras e os sistemas de relações que elas presidem são nitidamente novos. Podemos ler que:

[...] a aprendizagem seja instigada através de problemas ou situações que procuram de uma forma intencional gerar dúvidas, desequilíbrios ou perturbações intelectuais. O método “dos problemas” valoriza experiências concretas e problematizadoras, com forte motivação prática e estímulo cognitivo para possibilitar escolhas e soluções criativas. Que neste caso leva o aluno a uma aprendizagem significativa, pois o mesmo utiliza diferentes processos mentais (capacidade de levantar hipóteses, comprar, analisar, interpretar, avaliar), de desenvolver a capacidade de assumir responsabilidade por sua formação. [...] A problematização requer do professor uma mudança de postura para o exercício de um trabalho reflexivo com o aluno, exigindo a disponibilidade do professor de pesquisar, de acompanhar e colaborar no aprendizado crítico do estudante, o que frequentemente coloca o professor diante de situações imprevistas, novas e desconhecidas, exigindo que professores e alunos compartilhem de fato o processo de construção e não apenas o de reconstrução e reelaboração do conhecimento (DEWEY, 2018 apud PEREIRA, 2019, p. 56).

É perfeitamente sabido que fora da escola se encontram situações, procedimentos, modelos, ambientes e outros pontos, nos quais é possível haver aprendizagem. Na experiência de cada um e no contexto cultural e social há momentos e espaços ricos para a utilização em atividades pedagógicas, que podem ser considerados cenários propícios para a aquisição e construção do conhecimento. Esses pontos devem ser considerados em qualquer abordagem metodológica (GIDDENS, 2019).

A bagagem cultural e social do indivíduo e do contexto são importantes bases de dados nas quais se pode buscar informações, que possam servir de referencial para se criar um ambiente cultural em que pode acontecer a troca de conhecimento. Esse ambiente deverá ser de troca mútua entre todos os envolvidos, que comungam de mesmos objetivos, embora possam estar desenvolvendo atividades pessoais diferentes.

É importante que a escolha do ambiente, das atividades e de outros instrumentos, tenha a participação de todos os envolvidos no processo, principalmente professor e aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Alegoria da Caverna procura evidenciar que o homem sempre está em um contexto social e em uma relação quase que existencial. É nestas condições que a individualidade racional é construída. Na relação entre sujeitos, é significativo considerar tais realidades e as condições que o sujeito apresenta, para que haja o desenvolvimento esperado. Para isso, basta perceber que nos diálogos Platão estava atento a tais condições e delas se valia para que seus objetivos fossem atingidos.

Em conclusão à primeira seção, com a análise do Mito da Caverna é possível perceber que não basta os homens serem apenas meros espectadores da realidade: é fundamental ser agente pensante, que procura fundamentos para as realidades apresentadas e que não se contenta apenas com as sombras e os desfiles de marionetes. Ser protagonista é romper os obstáculos, é procurar para além das projeções; é correr riscos, mesmo que estes contribuam para que o sujeito da busca fique ofuscado diante da luz das descobertas.

Tendo por base esses ensinamentos de Platão, os alunos precisam encontrar por si mesmos o conhecimento e, quando tal fato acontece, por meio da aprendizagem, eles se tornam mais ativos em sala, mais participativos e com mais interesse. Eles passam a usar a dúvida quando percebem que ela, mesmo que de forma simples, tem utilidade em sua vida. E mesmo que antes não apresentassem interesse porque estavam acostumados a decorar ideias e tinham apenas uma visão resumida acerca do ensino, com a motivação do professor eles entenderão que o ato de duvidar pode abrir os variados caminhos na busca pelo conhecimento.

Concluindo a segunda seção foi possível entender que a estrutura e a dinâmica da instituição escolar são específicas, assim como também o são as relações que se processam entre seus membros. Torna-se portanto, necessário analisar e observar as atitudes entre alunos, professores e todos os elementos que compõem a escola, pois a noção de grupo está associada à de comportamentos dos indivíduos neste grupo.

O papel da escola nesta perspectiva de interação e desenvolvimento é primordial, uma vez que ela pode e deve criar uma atmosfera saudável, que favoreça o desenvolvimento global harmônico e as competências e habilidades do educando.

Nesta perspectiva, é fundamental conhecer mais profundamente o que acontece no espaço da sala de aula, uma vez que lá, como já foi dito, encontra-se um privilegiado ambiente de interação.

O professor e os alunos, uma vez colocados em sala de aula, passam a constituir um grupo novo, com uma dinâmica própria, onde se desenvolvem intensas e importantes relações interpessoais. É nesta relação que o processo de percepção e avaliação de qualidades pessoais assume uma importância decisiva.

O professor, portanto, tem papel ativo ao colaborar para a formação da autonomia do aluno, na transformação deste que apenas recebe os conteúdos e que não percebe e não vê a importância de questioná-los. Para um professor pode ser difícil trabalhar com um aluno instigador, pois ele é o perfil que precisa de atenção e tempo para construir suas ideias.

Porém, menos resultados teria ao formar alunos receptores, pois sairão de suas aulas com somente uma habilidade: a de reproduzir ideias. Um aluno que passa a entender e a analisar criticamente o que o cerca, seja uma informação, uma nota na rede social, uma atitude de alguém ou mesmo nos conteúdos apresentados em sala de aula, através da dúvida, trará não somente a mudança de sua atitude em sala de aula, não somente um novo olhar para os aspectos diferenciadores do conhecimento, mas, sobretudo uma transformação na sociedade.

Em conclusão à terceira seção, destaca-se que o aprendizado, analisado a partir do estudo do Mito da Caverna, de Platão, dada a sua riqueza simbólica, pode conferir ao processo de ensino e aprendizagem uma valorização, dada a leitura pedagógica. No caso, a educação, enquanto processo de construção de conhecimento, pode levar alunos a deixarem de lado a acomodação que o hábito lhe trouxe, passando os mesmos de receptores a alunos instigadores, participando na formação de seu próprio conhecimento.

Tendo em vista que esta pesquisa é um primeiro olhar, acerca do tema em estudo, espera-se que esse trabalho possa contribuir para experiência e melhoria na prática docente dos futuros professores de Filosofia e para as pesquisas relacionadas com a questão da aprendizagem, com base nas obras de Platão.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- COLL, César. **Piaget, o construtivismo e a educação escolar**: onde está o fio condutor? Porto Alegre: ArtMed, 1997.
- DAMASCENO, M.N. **Pedagogia**: trabalho, prática educativa e consciência. Fortaleza: Ed. UFC/Stylus Comunicações, 2015.
- DEWEY, J. **Democracia e educação**: breve tratado de philosophia de educação (G. Rangel & A. S. Teixeira, Trad.). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2018.
- FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da educação**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GARNIER, C.; BEDNARZ, N. ULANOVSKAYA, I. **Após Vygotsky e Piaget**: perspectiva social e construtivista. Escolas russa e ocidental. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- HARA, T. A. **Caminhos da razão no Ocidente**: a filosofia nas suas origens gregas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HORTON E HUNT. **Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2012.
- LAZARINI, Ana Lúcia. **Platão e a educação**: um estudo do Livro VII de A República. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2017. Acessado em 24/03/2022.
- MENESCAL, P. O Sentido Da Alegoria Da Caverna De Platão, **Revista do Centro de Filosofia e Educação**. Caixas do Sul, RS: V.4,n. 1/2, p.1-163, jan./dez. 2009 ISSN 0103-1457.
- OLIVEIRA, José Silvio de. **A paideia grega**. A formação omnilateral em Platão e Aristóteles. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, 2015. Acessado em 24/03/2022.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. São Paulo: ÁTICA, 2016.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Pietro Nasseti São Paulo: Martins Claret, 1993.

RODRIGUES, Elza Maria. **Um breve estudo sobre a educação na República de Platão**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2018. Acessado em 24/03/2022.

SANTOS, B. J.L. (org.) **Psicopedagogia: contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018.

SANTOS, P. B.; NOGUEIRA, E. M. **Educação escolar: uma lanterna no escuro da caverna**, 2020.

SOARES, Antônio Jorge. **O papel da educação no pensamento político de Platão**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2012. Acessado em 24/03/2022.